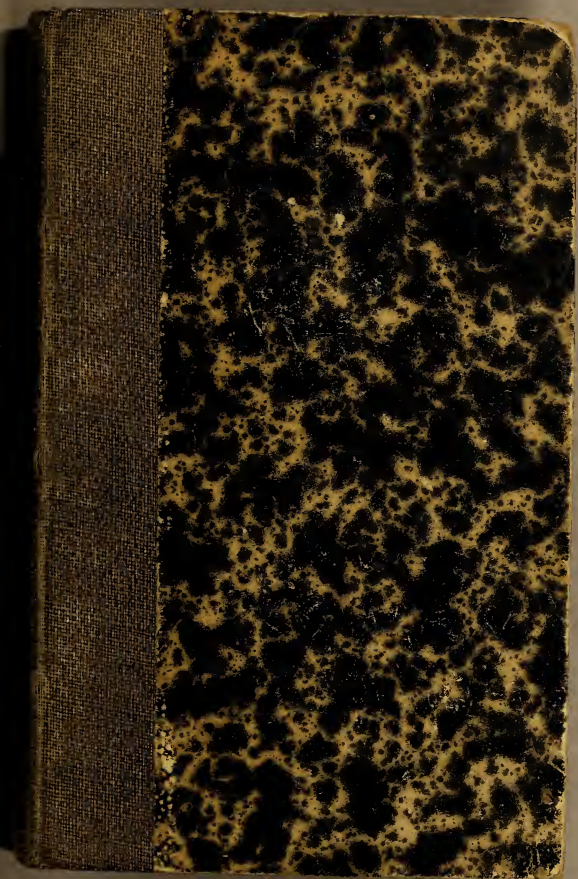




off. Joan d'ailon.

Oct. 22

$\frac{m}{d}$ j / enc.

JOHN CARTER BROWN

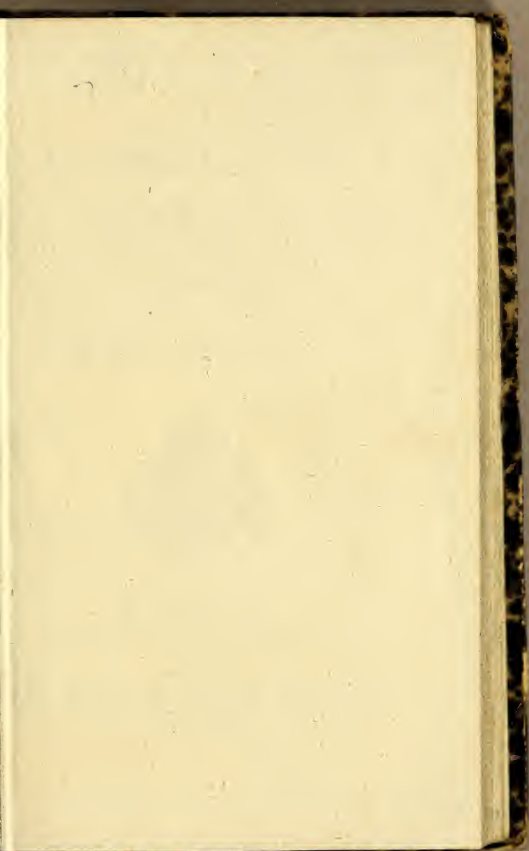
LIBRARY

Purchased from the

Trust Fund of

Lathrop Colgate Harper

LITT. D.



2
Marcen na rua dos Cobanos
freq.^a de allimagaia - Porto
em 11 Agosto 1744

filho de licenciado João
Bernardo Gouga e de
D. Thomazina Isabel Gouga

Maritima (allama Gouga)
Loreta de Louisa, Brimtas

MARILIA
DE OCT. JOAQ. MACHADO
PORTO
DIRECÇÃO.

POR T. A. G.

omax
PARTE I.

NOVA EDIÇÃO.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1817.

Com licença da Mesa do Desembargo
do Paço.

RPJCB

ADVERTENCIA.

NEsta Edição, que vamos agora expôr ao Público, das Obras do nosso amavel Poeta, talvez unico neste genero de Poesia, temos a satisfação de poder dizer, que se não vão taes, quaes elle as compuzêra, tambem ninguem as terá tão exactas; pois que a trôco de laboriosas fadigas, e por dilatados tempos, nos impuzemos a tarefa de mendigar as Copias mais authenticas, e fidedignas, algumas até pela letra do mesmo Author; e depois de hum maduro exame as colligimos desta maneira, substituindo-lhes muito mais Lyras, multiplicidade de versos, e mesmo infinidade de palavras trocadas, que vinhão nas Edições ante-

cedentes. Tambem devemos prevenir o mesmo Público de que , supposto fosse impresso em Lisboa hum folhero , figurando a Terceira Parte das Obras do mesmo Author , he inteiramente apocrifo , e até feito por pessoa do nosso conhecimento ; e como só queremos dar á Luz tudo aquillo , de que temos huma cabal certeza ter sido composto pelo nosso amabilissimo Poeta , razão porque foi por nós altamente desprezado ; não querendo que o Público o avalie por mais do que vale.

MARILIA

DE

DIRCEO.

LYRA I.

EU, Marilia, não sou algum vaqueiro;
 Que viva de guardar alheio gado;
 De tosco trato, d'expressões grosseiro,
 Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
 Tenho proprio casal, e nelle assisto;
 Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
 Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
 E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
 Dos annos inda não está cortado:
 Os Pastores, que habitão este monte,
 Respeitão o poder do meu cajado.

A iii

Com tal destreza toco a sanfoninha ,
Que inveja até me tem o proprio Alceste :
Ao som della concérto a voz celeste ;
Nem canto letra , que não seja minha.

Graças , Marilia bella ,
Graças á minha Estrella !

Mas tendo tantos dotes da ventura ,
Só aprêço lhes dou , gentil Pastora ,
Depois que o teu affecto me segura ,
Que queres do que tenho ser Senhora.
He bom , minha Marilia , he bom ser dono
De hum rebanho , que cubra môte , e prado ;
Porém , gentil Pastora , o teu agrado
Vale mais q' hũ rebanho , e mais q' hũ throno.

Graças , Marilia bella ,
Graças á minha Estrella !

Os teus olhos espalhão luz divina ,
A quem a luz do Sol em vão se atreve :
Papoula , ou rosa delicada , e fina ,
Te cobre as faces , que são côr da neve.
Os teus cabellos são huns fios d'ouro ;
Teu lindo corpo balsamos vapóra.

Ah! Não, não fez o Ceo, gentil Pastora,
Para gloria de Amor igual Thesouro.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar huma rez, o nedeo gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta,
Que os olhos movas, e me dês hum riso.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Alli descansarei a quente sésta,
Dormindo hum leve somno em teu regaço:
Em quanto a lucta jogão os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças , Marília bella ,
Graças á minha Estrella !

Depois que nos ferir a mão da Morte ,
Ou seja neste monte , ou n'outra serra ,
Nossos corpos terão , terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa , rodeada de cyprestes ,
Lerão estas palavras os Pastores :
„ Quem quizer ser feliz nos seus amores ,
„ Siga os exemplos , que nos derão estes. „
Graças , Marília bella ,
Graças á minha Estrella !

L Y R A II.

PIntão , Marília , os Poetas
A hum menino vendado ,
Com huma aljava de settas ,
Arco empunhado na mão ,
Ligeiras azas nos hombros ,

DE DIRCEO.

9

O tenro corpo despido :
E de Amor , ou de Cupido
São os nomes , que lhe dão.

Porém eu , Marília , nego ,
Que assim seja Amor ; pois elle
Nem he moço , nem he cego ,
Nem settas , nem azas tem.
Ora pois , eu vou formar-lhe
Hum retrato mais perfeito ,
Que elle já ferio meu peito ;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos ,
Que sobre as costas ondêão ,
São que os de Apollo mais bellos ;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite ;
E com o branco do rosto
Fazem , Marília , hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda , e liza testa ,
Arqueadas sobranceiras ,

A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito,
Dei logo hum suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava;
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso ;
Elle , ouvindo os seus louvores ,
Com hum gesto desdenhoso
Se surrio , e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado ,
Em que estava esta alma posta ;
Não me deo tambem resposta ,
Constrangeo-se , e suspirou.

Conheço os signaes , e logo ,
Animado da esperanza ,
Busco dar hum desaffogo
Ao cançado coração.
Pêgo em seus dedos nevados ;
E querendo dar-lhe hum beijo ,
Cubrio-se todo de pejo ,
E fugio-me com a mão.

Tu , Marilia , agora vendo
De Amor o lindo retrato ,
Comtigo estarás dizendo ,
Que he este o retrato teu.
Sim , Marilia , a copia he tua ,
Que Cupido he Deos supposto :

Se ha Cupido, he só teu rosto ;
Que elle foi quem me venceo.

LYRA III.

DE amar, minha Marilia, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adorão os Heróes; e os mesmos brutes
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marilia, despreza huma belleza,
A luz da razão precisa ;
E se tem discurso, piza
A Lei, que lhe dictou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Huma vez se mudou em chuva de ouro:
Outras vezes tomou as várias fórmás
De General de Thebas, velha, e touro.
O proprio Deos da Guerra deshumano
Não viveo de amor illeso;
Quiz a Venus, e foi prezo
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano.

Mas sendo amor igual para os viventes,
Tem mais desculpá, ou menos esta chãma:
Amar formosos rostos acredita,
Amar os feios de algum modo infama.
Quem lê que Jove amou, não lê nem topa,
Que elle amou vulgar donzella:
Lê que amou a Danae bella,
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar huma belleza se desculpa
Em quem ao proprio Ceo, e terra move;
Qual he a minha gloria, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o Pai dos Deoses Soberano
Hum semblante peregrino:
Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.

LYRA IV.

Marilia, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pezados
De injusto Senhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizerão a chaga,

Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
A' fonte mais clara,
A' vargem, e prado
De relva melhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se alguém te louvava,
De gosto me enchia;
Mas sempre o ciume

No rosto accendia
Hum vivo calor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dirceo se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceo suspirava
A' força da dôr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia;
Surria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me dêste

Da tua fé pura
Hum doce penhor.
 Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste,
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
 Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;
E a Olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
 Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me;

Pois busca o meu damno
Da sorte , que for.
Marilia , escuta
Hum triste Pastor.

L Y R A V.

OH ! Quanto póde em nós a vária Estrella !
Que diversos que são os genios nossos !

Qual sóta a branca vella ,
E affronta sobre o pinho os mares grossos.
Qual cinge com a malha o peito duro ;
E marchando na frente das cohortes ,
Faz a torre voar , cahir o muro.

O sórdido avarento em vão defende
Que possa o filho entrar no seu thesouro :
Aqui fechado estende
Sobre a taboa , que vérگا , as barras d'ouro.
Sacode o jogador do cópo os dados ;
E n'uma noite só , que ao somno rouba ,
Perde o resto dos bens , do pai herdados.

O que da voraz gula o vicio adora
Da lauta meza os seus prazeres fia.

E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o genio o guia.
O sabio Galileo toma o compasso,
E sem voar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a vária gente
Se deixa conduzir do proprio gosto;

Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cançar-me a saber se o Sol se move,
Ou se a terra voltêa, assim conheço
Aonde chega o podêr do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos,
E noto as faces de jasmims, e rosas:

Noto os teus olhos bellos,
Os brancos dentes, e as feições mimosas:
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem pôde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.

LYRA VI.

A Caso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquelle penhasco
Hum rio cahia:
Ao som do susurro
Que vezes dormia!

Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas :
Parece que o rio
O curso voltou.

São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marília , tu chamas ?
Espera , que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia :
O E'co as palavras
Tres vezes dizia.
Se chamo por elle ,
Já não me responde ;
Parece se esconde ,
Cançado de dar-me
Os ais , que lhe dou.

São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui hum regato
Corria sereno
Por margens cubertas
De flores, e feno:
A' esquerda se erguia
Hum bosque fechado;
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.

São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de hum dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;

Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca seccou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

● Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha

Liberta a vontade,

Agora já sente

Amor, e saudade.

Os sitios formosos,

Que já me agradarão,

Ah! Não se mudarão;

Mudarão-se os olhos,

De triste que estou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera, que eu vou.

L Y R A VII.

V Ou retratar a Marília,
A Marília, meus amores;
Porém como, se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores?
Dar-m'as a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flores.

Ah! Soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu:
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traz-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos hum pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Cores, que sejam iguaes.
Porém não, que em paralelo
Da minha Nynfa adorada

Perolas não valem nada,
Nada valem coraes.

Ah ! Soccorre , Amor , soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os Astros , vôa ,
Traz-me as tintas do Ceo.

Não no Ceo achar-se podem
Tas bellezas , como aquellas ,
Que Marilia tem nos olhos ,
Que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas ,
Os negros olhos , que matão ,
Não imitação , não retratão
Nem Auroras , nem Estrellas.

Ah ! Soccorre , Amor , soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os Astros , vôa ,
Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos , Amor , entremos ,
Entremos na mesma Esféra :
Venha Pallas , venha Juno ,
Venha a Deosa de Cithéra.

Porém não , que se Marília
No certame antigo entrasse ,
Bem que a Paris não peitasse ,
A todas as tres vencêra.

Vai-te , Amor , em vão soccorres
Ao mais grato empenho meu :
Para formar-lhe o retrato
Não bastão tintas do Ceo.

LYRA VIII.

EU sou , gentil Marília , eu sou captivo ;
Porém não me venceo a mão armada
De ferro , e de furor :
Huma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força , que não seja
A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito entora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pezados martellos :
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas

Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra:

Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Empyreo,
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marília, os succos saborosos

Das orvalhadas flores;
Pendentes dos teus beijos graciosos
O mel não chupão; chupão ambrosias
Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura;

A fonte crystalina,
Q' sobre as pedras cahe de immensa altura;
Não fórma hum som tão doce, como fórma
A tua voz divina.

Em tórno dos teus peitos , que palpitão ,
Exhalão mil suspiros desvelados
Enxames de desejos ;
Se encontrão os teus olhos descuidados ,
Por mais que se atropellem , voão , chegão ,
E dão furtivos beijos .

O Cisne , quando corta o manso lago ,
Erguendo as brancas azas , e o pescoço ;
A náo , que ao longe passa ,
Quando o vento lhe enfuna o panno grosso ,
O teu garbo não tem , minha Marilia ,
Não tem a tua graça .

Estimem pois os mais a liberdade ;
Eu prézo o captiveiro : sim , nem chamo
A' mão de amor impía ;
Honro a virtude , e os teus dotes amo :
Tambem o grande Achilles veste a saya ,
Tambem Alcides fia ,

LYRA IX.

Marília, de que te queixas?

De que te roube Dirceo

O sincero coração?

Tão te dêo também o seu?

E tu, Marília, primeiro

Tão lhe lançaste o grilhão?

Todos amão; só Marília

Desta lei da Natureza

Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas

Tão rulão termos pombinhos?

Rulão, Marília, em vão?

Tão se aflagão c'os biquinhos?

A provas de mais ternura

Tão os amasta a paixão?

Todos amão: só Marília

Desta lei da Natureza

Queria ter isenção?

Já viste, minha Marília,
Avezinhas, que não fação
Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlação,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso, em que estão?
Todos amão: só Marília
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marília, gerão
Nos bravos mares, e rios,
Tudo effeitos de Amor são.
Amão os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A Onça, o Tigre, o Leão.
Todos amão: só Marília
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

As grandes Deosas do Céu
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,

ão se abraza, não suspira
elo amor de Endymião?

Todos amão; só Marília
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

esiste, Marília bella,
e huma queixa sustentada
ó na altiva opinião.
sta chamma he inspirada
elo Ceo; pois nella assenta
nossa conservação.

Todos amão: só Marília
Desta lei da Natureza
Não deve ter isenção.

LYRA X.

SE existe hum peito,
Que isento viva
Da chamma activa,
Que accende Amor.

B iv

Ah ! não habite
Neste montado ;
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra , que o ímpio
Aqui se esconde ,
Não sei aonde ;
Mas sei que o vi.

Traz novas settas ,
Arco robusto :
Tremi de susto ,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos ,
Tristes mortaes ,
Quantos signaes
O Impio tem.

Oh ! como he justo
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem !

No corpo ainda

Menino existe;
Mas quem resiste
Ao braço seu?

Ao negro Inferno
Levou a guerra;
Vencêo a terra,
Vencêo o ceo.

Já mais se cobrem
Seus membros bellos;
E os seus cabellos
Que lindos são!

Vendades o'hos,
Que tudo alcanção,
E já mais lançaõ,
A setta em vão.

As suas faces
São côr da neve;
E a bocca breve,
Só risos tem.

Mas, ah! respira
Negros venenos,

Que nem ao menos
Os olhos vêm.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.

Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a setta falta,
Tem outra prompta,
Que a dura ponta
Já mais torcêo.

Ninguém resiste
Aos golpes della:
Marilia bella
Foi quem lha deo.

Ah! não sustente
Dura peleja
O que deseja

Ser vencedor.

Fuja, e não olhe;

Que só fugindo

De hum rosto lindo

Se vence Amor.

LYRA XI.

Não toques, minha Musa, não, não toques
Na sonora Lyra,
Que ás almas, como a minha, namoradas
Doces Canções inspira:
Assopra no clarim, que apenas sôa,
Enche de assombro a terra;
Naquelle, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma
Cupido o seu thesouro;
Vivos olhos, e faces côr da neve,
Com crespos fios de ouro;
Meus olhos só vem gramas, e loureiros;
Vem carvalhos, e palmas;
Vem os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heroe, que já no berço
As Serpes despedaça;
Que fere os Cáculos, que destronca as hydras,
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
Dos Titães, e Tyféos,
Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,

Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz também levanto;
Porém tu deste muito acima o ponto,
Dirceo não pôde tanto:
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Heróe*, e *Guerra*,
E só, *Marília*, digo.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora
Meu canto já se affina;
E a humana voz parece que ao som dellas
Se faz também divina.
O mesmo, que cercou de muro a Thebas,
Não canta assim tão teino;

Nem pôde competir contigo aquelle,
Que desceo ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
Mostrão signaes de espanto,
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Páráo o ledo canto;
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado, e não come;
Quanto podem meus versos! Quanto pôde
Só de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

LYRA XII.

TOpei hum dia
Ao Deos vendado,
Que descuidado
Não tinha as settas
Na impia mão.
Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva accende
No coração.

*Morre, tyranno,
Morre, inimigo:
Mal isto digo,
Raivoso o apérto
Nos braços meus.*

Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se

Tambem me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto;
Ah! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão?

Poude suster-se
A vez primeira;
Mas á terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cansado
Peito, que arqueija,
Mil golpes dêo.

Suou seu corpo;
Tremeo gemendo;
E a côr perdendo,
Batêo as azas;
Em fim morieo:

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pelle
Vestio daquelle
Grenhoso bruto,
A quem matou.

Para que provê
A empreza honrada,
C'o a mão manchada
Recolho as settas,
Que me deixou.

Ouvio Marilia
Que Amor gritava;
E como estava
Visinha ao sitio
Valer-lhe vem.

Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o vê de perto

De pó cuberto,
E todo envolto
No sangue seu,
As mãos aperta
No peito brando,
E afflicta dando
Hum ai, os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida;
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que derramou.

Então o monstro
Dando hum suspiro,
Fazendo hum gyro
C'o a baça vista,
Ressuscitou.

Respira a Deosa;
E vem o gôsto
Fazer no rosto
O mesmo effeito,

Que fez a dôr.

Que louca idéa

Foi, a que tive !

Em quanto vive

Marilia bella ,

Não morre Amor.

L Y R A XIII.

MInha bella Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo he mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos Deoses
Sujeitos ao poder do impio Fado;
Apollo já fugio do Ceo brilhante,
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no sepulchro ,
Que seus avós erguêrão , descansado ;
Qual no campo , e lhe arranca os frios osso
Ferro do torto arado.

Ah ! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada ,
Façamos , sim façamos , doce amada ,
Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração , que frouxo
A grata posse de seu bem differe ,
A si , Marília , a si proprio rouba ,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores ,
E façamos de fêno hum brando leito ,
Prendamo-nos , Marília , em laço estreito ,
Gozeamos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças ,
Sem que o possam deter , o tempo corre :
E para nós o tempo , que se passa ,
Tambem , Marília , morre.

Com os annos , Marília , o gosto falta ,

E se entorpece o corpo já cançado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura

E dote, que só goza a mocidade:
Rugão-se as faces, o cabello alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias, que vem tarde, já vem frias;
E póde em fim mudar-se a nossa estrella,

Ah! não, minha Marilia,
Proveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

LYRA XIV.

OH! quantos riscos,
Mariliã bella,
Não atropella

Quem cego arrasta
Grilhões de Amor!

Hum peito forte,
De acordo-falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o peito ousado
Na escura noite
Rompia o mar.

Se o Helesponto
Se encapellava,
Ah! não deixava
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio
A heroicidade
Esta verdade,
Minha Marilia,
Prova tambem.

Cheio de esforço
Vai ao Cocyto
Buscar afflicto
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada!
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração!

Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente,

Mortal licor.

Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mette horror.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.

Por tres gargantas,
Quando alguém bate;
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
Soão lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!

Minos a pena
Manda se intime

Igual ao crime,
Que alli conduz.

Grande penedo
Este carrega;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.

A pedra sempre
Ao valle desce,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas agoas
Habita aquelle;
Por cima delle
Verdejão ramos,
Que pomos dão.

De balde a bocca
Molhar pertende;
De balde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito

Despedaçado :
Monstro. esfaimado
Já mais descança
De lho roer.

A roxa carne ,
Que o abutre come ,
Não se consome ,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira ,
Tocando a lyra
Desce ao Averno
O bom Cantor.

Não se entorpece
A lingua , e braço ;
Não treme o passo ,
Não perde a cór.

Ah ! tambem quanto
Dirceo obrára ,
Se precisára ,
Marilia bella ,
Do esforço seu !

Rompera os mares
C' o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subíra ao Ceo.

Aos dois amantes
De Thracia, e Abydo
Não deo Cúpidio
Do que aos mais todos
Maior valor.

Por seus vassallos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os grãos de Amor.

LYRA XV.

Minha bella Marília
m de seu hum bom thesouro,
o he, doce Alceo, formado
Do buscado
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes,
He feito de huns olhos bellos,
De humas faces graciosas,
De crespos, finos cabellos,
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deo;
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
Nos caudosos
Turvos rios.

Posso emendar à ventura
Ganhando astuto a riqueza;
Mas, ah! charo Alceo, quem póde
Ganhar huma só belleza
Das bellezas, que Marília
No seu thesouro metteo?
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Da sorte, que vive o rico

entre o fausto alegremente,
vive o guardador de gado
Aroucado,
Mas contente.
Beije pois torpe avarento
as arcas de barras chéas:
tu não beijo os vís thesouros;
beijo as douradas cadêas,
beijo as settas, beijo as armas;
com que o cego Amor venceo;
bens, que valem sobre a terra,
que tem valor no Ceo.

na Apollo, e o fero Marte;
na, Alceo, o mesmo Jove:
não he, não, a vã riqueza,

Sim belleza,

Quem os move.

posto ao lado de Marília
mais que mortal me contemplo,
beijo os bens, que aos homens cegão,
vejo dos Deoses o exemplo,
nos virtudes, e dotes;
no em fim, prezado Alceo,

Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

L Y R A XVI.

MInha Marilia,

Tu enfadada?

Que mão ousada

Perturbar pôde

A paz sagrada

Do peito teu?

Porém que muito

Que irado esteja

O teu semblante?

Tambem troveja

O claro Ceo.

Eu sei, Marilia,

Que outra Pastora

A toda a hora,

Em toda a parte

Cega namora
Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo
Aonde ha fogo;
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marilia,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compostura
Das mais feições.

Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabello,

Sem pelles finas
No seu jubão.

Porém que importa?

O rico aceio
Não dá, Marília,
Ao rosto feio
A perfeição.

Quando appareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada
Sem fita, ou flor.

Ah! que então brilha
A natureza!
Então se mostra
Tua belleza
Inda maior.

O Ceo formoso,
Quando allumia.
O Sol de dia,
Ou estrellado.

Na noite fria,
Parece bem.

Tambem tem graça
Quando amanhece;
Até, Marília,
Quando anoitece
Tambem a tem:

Que tens Marília,
Que ella suspire?
Que ella delire?
Que corra os valles?
Que os montes gire
Louca de amor?

Ella he que sente:
Esta desdita;
E na repulsa
Mais se acredita
O teu Pastor:

Quando ha, Marília,
Alguma festa
Lá na floresta,
(Falla a verdade!)

C. v

Dança com esta
O bom Dirceo?

E se ella o busca,
Vendo buscar-se
Não se levanta,
Não vai sentar-se
Ao lado teu?

Quando hum por outro,
Na rua passa,
Se ella diz graça,
Ou muda o gesto,
Esta negaça
Faz-lhe impressão?

Se está fronteira,
E brandamente
Lhe fita os olhos,
Não põe prudente
Os seus no chão?

Deixa o ciume,
Que te desvela;
Marilia bella,
Nunca receies

Damno daquella
 Que igual não for.
 Que mais desejas?
 Tens lindo aspécto;
 Dirceo se alenta
 De puro affecto,
 De pundonor.

LYRA XVII.

Não vez aquelle velho respeitavel,
 Que á muleta encostado
 Apenas mal se move, e mal se arrasta?
 Oh quanto estrago não lhe fez o tempo!
 O tempo arrebatado,
 Que o mesmo bronzê gasta!

Enrugárão-se as faces, e perdêrão
 Seus olhos a viveza;
 Voltou-se o seu cabello em branca neve:
 A lhe tremê a cabeça, a mão, o queixo;
 Nem tem huma belleza
 Das bellezas, que teve.

Assim tambem serei , minha Marilia ,
Daqui a poucos annos ;
Que o ímpio tempo para todos corre.
Os dentes cahiráo , e os meus cabellos.
Ah ! sentirei os damnos ,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada ;
Descançarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa ,
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes , em que negra nuvem
Os chuveiros não lance ,
Irei contigo ao prado florecente :
Aqui me buscarás hum sitio ameno ,
Onde os membros descance ,
E o brando Sol me aquente.

Apenas me sentar , então movendo
Os olhos por aquella
Vistosa parte , que ficar fronteira ;

supportando direi: *Alli fallámos,*
Alli, ó minha bella,
Te vi a vez primeira.

verterão os meus olhos duas fontes,
Nasçidas de alegria:
Parão teus olhos ternos outro tanto;
Então darei, Marilia, frios beijos
Na mão formosa, e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia.
Quem sentida chorando
Meus baços olhos cerra.

L Y R A XVIII.

EU, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada

Pastora formosa,

Pastora engraçada.

Vejo a sua côr de rosa,

Vejo o seu olhar divino,

Vejo os seus purpúreos beiços,

Vejo o peito crystallino;

Nem ha cousa, que assemelhe

Ao crespo cabello louro.

Ah! que a tua Eulina vale,

Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito

A' laranjeira copada,

Estando de flores,

E fructos ornada.

He, Glauceste, os teus Amores;

E nem por outra Pastora,

Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cançára
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

Sim, Eulina he hum Deosa;
Mas ánima a formosura

De hum alma de féra;

Ou inda mais dura.

Ah! quando Dirceo pondéra
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira:
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Tambem aos olhos he bello;
Mas quando allumêa,
Tu tremes de vêllo.

Que importa se mostre chea
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura, que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago, e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A' natureza não deve!
 Tem divino rosto,
 E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gôsto,
Ri-se Marilia contente;
Se canto, canta comigo;
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello louro.
A minha Marilia vale,
Vale hum immenso thesouro.

L Y R A XIX.

E M quanto pasta alegre e manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
A' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos
Na regular belleza,
Que em tudo, quanto vive, nos descobre
A sábia Natureza.

Attende, como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, em quanto chupa a lisa teta.

Attende mais, ó chara,
Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aqueenta,
Como aquella esgravata a terra dura,

E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto delles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante!

Quando, Marilia, quando
Disser comsigo: *He esta*
De teu querido pai a mesma barba,
A mesma bocca, e testa.

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca

Do innocente filhinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhece-lla!

Que prazer não terão os pais ao verem
Com as miãs hum dos filhos abraçados;
Jogar outros a lucta, outros correrem

Nos cordeiros montados!

Que estado de ventura!

Que até naquillo, que de pezo serve,
Inspira Amor doçura.

L Y R A XX.

EM huma frondosa

Roseira se abria

Hum lindo botão.

Marilia adorada

O pé lhe torcia

Com a branca mão.

Nas folhas viçosas

A abelha enraivada

O corpo escondêo.

Tocou-lhe Ma ilia,

Na mão descuidada

A fera mordêo.

Apenas lhe morde,

Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deosa mostrou;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me attenção;
E como daquelle,
Que feres, e matas,
Não tens compaixão?*

L Y R A XXI.

Não sei, Marília, que tenho,
Depois que vi o teu rosto;
Peis quanto não he Marília,
Já não posso ver com gosto.

N'outra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro;
Hoje, ó bella, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sitio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella,
Aonde, Marília bella,

Tu chegas ao fim do dia;
Se alguém passa, e te saúda,
Bem que seja cortezia,
Se accênde na face a côr.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Se estou, Marília, contigo,
Não tenho hum leve cuidado;
Nem me lembra, se são horas
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge hum dia o meu desgosto:
Já mais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,
Marília, tão perturbado
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado.

Aqui no centeio pégo,
N'outra parte em vão o cégo:
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
N'outra cousa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro,
Só Marília me desvela:
Enche-se o peito de magoa,
E não sei a causa della.

Mal durmo, Marília, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gela-se o sangue nas veias,
E sólto do somno os laços
Á força da immensa dôr.
Ah! que os effeitos, que sinto,
Só são effeitos de Amor.

LYRA XXII.

Muito embora , Marilia , muito embora
Outra belleza , que não seja a tua ,
Com a vermelha roda , a seis puxada ,
Faça tremer a rua.

As paredes da salla , aonde habita ,
Adorne a seda , e o tremó dourado ;
Pendão largas cortinas , penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes ;
Nem andarás nos coches voadores ;
Porém terás hum Vate , que te preze ,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura ;
E da pállida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos ,
E arrasa a vil choupana.

que bellezas, Marília, florecêrão,
 De quem nem se quer temos a memoria!
 Só pôdem conservar hum nome eterno
 Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarcha,
 Por mais que qualquer dellas fosse linda,
 Não sabia o mundo, se existirão
 Nem Laura, nem Clorinda.

E melhor, minha bella, ser lembrada
 Por quantos hão de vir sabios humanos,
 Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
 Que morrem com os annos.

LYRA XXIII.

N' Um sitio ameno
 Cheio de rosas,
 De brancos lyrios,
 Muitas viçosas,

D

Dos seus amores
Na companhia
Dirceo passava
Alegre o dia.

Em tom de graça
Ao terno amante
Manda Marília
Que toque, e cante.

Péga na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
A' voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chéa;

Então Cupido
Apparecendo,
A' bella falla
Assim dizendo;

*Do teu amado
A lyra fias,
Só porque delle
Zombando rias?*

*Quando n'um peito
Assento faço,
Do peito subo
A' lingoa. e braço.*

*Nem creias que outro
Estilo tome,
Sendo eu o mestre,
A acção teu nome.*

LYRA XXIV.

ENcheo, minha Marilia, o grande Jo
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salôbres rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defeza
A todos dêo as armas, que convinha
A' sábia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;
Dêo ao peixe escamoso as barbatanas;
Dêo veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba
E ao javali o dente.
Coube ao leão a garra;
Com leve pé saltando o cervo foge:
E o bravo touro marra.

o homem dêo as armas do discurso,
 e valem muito mais que as outras armas
 Dêo-lhe dedos ligeiros,
 e pódem converter em seu serviço
 Os ferros, e os madeiros;
 Que tecem fortes laços,
 forjão raios, com que aos brutos cortão
 Os vôos, mais os passos.

s tímidas donzellas pertencêrão
 outras armas, que tem dobrada força:
 Dêo-lhes a Natureza,
 em do entendimento, além dos braços,
 As armas da belleza.
 Só ella ao Ceo se atreve;
 ella mudar pôde o gêlo em fogo,
 Mudar o fogo em neve.

a vejo, eu vejo ser a formosura,
 quem arrancou da mão de Coriolano
 A cortadora espada.
 vejo que foi de Helena o lindo rosto,
 Quem pôz em campo armada
 Toda a força da Grecia.

E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles;

Se estes rostos irados

Pódem soprar o fogo da discordia

Em povos alliados;

E's árbitra da terra;

Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo

A paz, e a dura guerra.

L Y R A XXV.

O Cego Cupido hum dia
Com os seus genios fallava
Do modo, que lhe restava
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,
Hum dos genios mais sagazes
Este conselho lhe dêo:

As settas mais aguçadas,
Como se em rócha batessem,
Dão no peito seu, e descem
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marília
Pódem vencer hum tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor:
Que elle vive como as aves,
Que já deixarão as penhas
No visco do caçador.

Na força deste conselho
O raivoso Deos socega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.

Todos pertendem ganhalla,
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão
Da Deosa nos olhos bellos,
Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendeo.

Hum amorinho cançado
Cabio dos labios ao seio,
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto
Este novo ardil alcança;
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.

Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dállo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças cuberto,
Tão risonho, e tão esperto
Alli sózinho brincar.

A elle endireita os passos;
Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mas se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
Elle fugia, e chorava;
Assim forão onde estava
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses n'outra idade
Para illudir as Serêas
Mandou tambóres tocar.

Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes;
Mettêo as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O Genio, que se escondia
Entre os peitos da Pastora,
Erguêo a cabeça fóra,
E o successo conhecêo.

Deixa o socego em que estava,
E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dircêo.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor, que trazia,
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro,
Abre os seus olhos, e solta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas tóma,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fórma hum Cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces pições.

L Y R A XXVI.

TU não verás, Marília, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudolosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo do Batêa.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras ainda novas,

Servir de adubo á terra a fertii cinza,
Lançar os grãos nas côvas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o çumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Vêr-me-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra história,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvada humma belleza,

Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade,
A tua formosura.

LYRA XXVII.

O Destro Cupido hum dia
Extrahio mimosas côres
De frescos lyrios, e rosas,
De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
Usa de huma, e de outra tinta,
E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos,
No seu lizo centro escreve
Hum letreiro, que pergunta:
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,

E lêo a letra engenhosa,
Pôz por baixo: *Eu delle cedo?*
Dê-se a Marília-formosa.

L Y R A XXVIII.

Alexandre, Marília, qual o rio,
Que, engrossando no Inverno, tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cérca, vence, abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na glotia das armas o primeiro,
Morreo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não há poder algum, que não abata,
Foi, Marília, sómente
Hum ditoso pirata,
Hum salteador valente.
Se não tem huma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça

A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vòã,
A' sua mesma Patria a fê quebranta;
Na mão a espada tóma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heróe por hum delicto;
Se acaso não vencesse, então seria
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios; move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o máo tyranno.

Consiste o ser heróe em viver jústo;
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella;
Seguindo da virtude a honrosa estrada.
Ganhei, ganhei hum throno,
Ah! não manchei a espada,

Não o roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Huns tão ditosos laços:

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;
Nem descanso seguros
Nos palácios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sábia historia,
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto
De graças adornado:
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo.

LYRA XXIX.

TU, formosa Marilia, já fizestes,
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão, em que nascestes;
Deixa, Marilia, agora
As já lavradas serras;
Anda afoita romper os grossos mares;
Anda encher de alegria estranhas terras;
Ah! que por ti suspirão
Os meus saudosos lares!

Não corres, como Sapho, sem ventura
Em seguimento de hum cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura;
Segues hum fino amante,
Que, a perder-te, morria.
Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella;
Tu já foste no Sul a minha guia,
Ah! deves ser no Norte

Tambem a minha estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado ,
Aplainar c'ò tridente as crespas ondas ;
Ficar como dormindo o mar salgado ;
Verás, e verás d'alheta
Soprar o brando vento ;
Mover-se o leme , desrinzar-se o linho ;
Seguirem os Delfins o movimento ,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas ,
Que atalha , e corta com murmurio brando ;
Verás, verás, Marilia ,
Da janella doirada ,
Que humá comprida est ada representa
A limpha cristalina , que pisada
Pella popa que foge ,
Em boibotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso ,
Tornar ao torto anzol , depois de o terem

Pela rasgada bocca ao ar suspenso;
 Os pequenos peixinhos
 Quaes passaros voarem;
 De toninhas verás o mar coalhado,
 Ora surgirem, ora mergulharem,
 Fingindo ao longe as ondas;
 Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta;
 Hum repuxo formando com as agoas,
 Que ao ar espalha da robusta venta;
 Verás em fim, Marilia,
 As nuvens levantadas,
 Humas de côr azul, ou mais escuras;
 Outras de côr de rosa, ou prateadas,
 Fazerem no Orizonte
 Mil diversas figuras.

Mal chegares á Foz do claro Tejo,
 Apenas elle vir o teu semblante,
 Dará no Leme do Baixel hum beijo;
 Eu lhe direi vaidoso:
Não trago, não comigo,
Nem pedras de valor, nem montes d'ouro;

*Rubei as aureas minas, e consigo
Trazer para os teus cofres,
Este maior Theouro.*

LYRA XXX.

CUpido tirando
Dos hombros a aljava
N'um campo de flores
Contente brincava.

Ao corpo tenrinho
Depois enfadado
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme;

Se chega contente ,
As armas lhe furta ,
E o Deos a não sente.

Os Faunos , mal virão
As armas roubadas ,
Sahirão das grutas
Soltando risadas.

Acorda Cupido ,
E a causa sabendo ,
A quantos o insultão
Responde , dizendo :

*Temieis as settas
Nas minhas mãos cruas ?
Vereis o que pôdem
Agora nas suas,*

LYRA XXXI.

O Tyranno Amor risonho
Me apparece, e me convida
Para que seu jugo acceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte
(Astuto o moço dizia)
Já perto da morte estava;
Inda de amores cantava;
Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pezares
Não resiste hum peito fraco,
Se amor o não fortalece:
O mesmo Jove carece
De Cupido, e mais de Baccho.*

Eu lhe respondo: *Perjuro,*

*Nada creio do que dizes;
Porque já te fui sujeito,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.*

*Se o mundo conhece malles,
Tu os maiores fizeste:
Sim tu a Troya queimaste,
Tu a Carthago abraçaste,
E tu a Antonio perdeste.*

Amor, vendo que da offerta
Algum apreço não faço,
Me diz affeito que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnêz, e á pressa
Ponho hum elmo na cabeça,
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no campo me apresento,

Marília (oh Ceos!) me apparece;
Logo qué os olhos me sita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:
Confessa, louco, o teu erro;
Contra as armas da belleza
Não vale a externa defeza,
Dessa armadura de ferro.

L Y R A XXXII

Junto a huma clara fonte
A mãe de Amor se sentou:
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
Contente ao lugar corrêo;
Cuidando que era Marília
Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada;
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó Mãi formosa,
Foi facil o engano meu;
Que o semblante de Marília
He todo o semblante teu.*

L Y R A XXXIII.

MInha Marília,
Se tens belleza,
Da Natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça
Do Deos de amor,
Que terno inflamma

E

Amante o peito
Do teu Pastor.

Em vão se virão
Perlas mimosas,
Jasmins, e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o Ceo te dêo;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceo.

O voraz tempo
Ligeiro corre:
Com elle morre
A perfeição.
Essa, que o Egypto
Sábia modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Octavio

Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bella,
E o teu querido
Ao Deos Cupido
Louvores dar;
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo, e morte
Possão zombar:
Tu por formosa,
E elle, Marília,
Por te cantar.

Mas ai! Marília,
Que de hum amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprêgo
No charo bem
Não vê defeitos,

E augmenta, quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutrio no peito
Nescia paixão?
Todas aquellas,
Que vês cantadas,
Forão dotadas
De perfeição?
Forão queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu nome

Aos fins da terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome for:
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Esposa
De inveja a côr;
De todos ha-de,
Voltando o rosto;
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratição:
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
— E iii

Que te segura
A duração.

LYRA XXXIV.

N' Uma noite socegado
Velhos papéis revolvio,
E por vêr de que tratavão
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo semrazões tamanhas
Eu exclamo transportado:

Que finezas tão mal feitas :

Que tempo tão mal passado !

Junto pois n'hum grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cégo
Com semblante carregado
Assim me falla, e crimina
O meu intento acertado.

Queres queimar esses versos ?
Dize, Pastor attrevido,
Essas Lyras não te forão
Inspiradas por Cupido ?

Achas que de taes amores
Não deve existir memoria ?
Sepultando esses triumphos,
Não roubas a minha gloria ?

Disse Amor; e mal se cala,
E iv

Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar humas Lyras,
Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que imperta
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão, que os rasga,
Se a chamma, que os queima, he tua*

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'ó vento,
Que formou batendo as azas,

L Y R A XXXV.

EM cima dos viventes fatigados
 Morfeo as dormideiras espremia,
 Os mentirosos sonhos me cercavão
 Na vaga fantasia,
 Ao vivo me pintavão
 As glórias que desperto
 Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Não possante;
 Nos braços conduzindo a minha bella;
 Voltêa a grande roda, e a gróssa amarra
 Se enleia em torno della;
 Já ponho a prôa á barra,
 Já cahe ao sem do apito
 Ora huma, ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem;
 A longa praia ao longe não branqueja;
 E já se vão sumindo os altos montes,

E v

Já não ha que se veja
Nos claros horizontes,
Que não sejam vapores,
Que Ceo e mar não seja.

Parece vão correndo as negras agoas,
E o pindo, qual rochedo, estar parado;
Ergue-se a onda, vem á Não direita,
E quebra no costado:
O Navio se deita,
E ella finge a ladeira
Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cahir do laes a linha que os engana;
Hum doirado no anzol está pendente,
Soffre morte tyranna,
Entre tanto que a sente,
Ao tombadilho aconta
A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma carroça
De formosas coneinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Thetis nella;

Na pôpa está parada;
Nem pôde a Deosa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vem montados
Os nús Tritões, deixando a esfera cheia
Com o rouco som dos buzios retorcidos.

Recreia, sim, recreia
Meus attentos ouvidos,
O canto sonoro
Da musica sereia.

Já sóbe ao grande mastro o bom gajeiro
Descobre arrumação, e grita terra,
A' murada caminha alegre a gente;
Alguns entendem que erra;
Peço immovel sómente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres;
(E que nova alegria me arreбата!)
De Cascaes a moleta já vem perto,

E vi

Já de abordar-nos trata ;
Já o Piloto experto ,
Inda debaixo manda
Soltar mezena , e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra ,
A gróssa artilheria já me atôa ;
Lá ficão Paço d'Arcos , e a Junqueira ;
Já corre pela prôa
Huma amarra ligeira ;
E a Náo já fica surta
Diante de grão Lisboa.

Agora , agora sim , agora espero
Renovar da amizade antigos laços ;
Eu vejo ao velho Pai , que lentamente
Arrasta a mim os passos ;
Ah ! como vem contente ;
De longe mal me avista
Já vem abrindo os braços.

Dobro os joelhos , pe'os pés o aperto ,
E manda que dos pés ao peito passe :
Marilia quanto eu fiz , fazer intenta ;

Antes que os pés lhe abrace
 Nos braços a sustenta;
 Dá-lhe de filha o nome,
 Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh Ceos acordo!
 Conheço não estar no claro Téjo;
 Abro os olhos, procuro a minha amada,
 E nem sequer a vejo.
 Venha a hora afortunada,
 Em que não fique em sonho
 Tão ardente desejo.

LYRA XXXVI.

PE'ga na lyra sonora,
 Péga, meu charo Glauceste;
 E ferindo as cordas de ouro,
 Mostra aos rusticos Pastores
 A formosura celeste
 De Marília, meus amores.
 Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a cópia

Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste,

Que concurso tão ditoso:

Tu és digno de cantares

O seu semblante divino;

E o teu canto sonoro

Tambem do seu rosto he digno.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a cópia

Se affaste della.

Para pintares ao vivo

As suas faces mimosas,

A discreta Natureza

Que providencia não teve!

Creou no jardim as rosas,

Fez o lyrio, e fez a neve.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a cópia

Se affaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desveles;
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Huns teceudo cordas delles,
Outros com elles brincando.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a cópia

Se affaste della.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beijos graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada;
E para os olhos formosos,
A Estrella da madrugada.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a cópia

Se affaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a cópia

Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passêão,
Pizando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a cópia

Se affaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
Hum terno amante beijando

Suas doiradas cadêas ;
E em doce pranto desfeito ,
Ao monte , e valle ensinando
O nome , que tem no peito.

Ah , pinta , pinta

A minha bella !

E em nada a cópia

Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto ,
Inda que , Pastor , se veja
Que a minha bocca suspira ,
Que se banha em pranto o rosto ,
Que os outros chorão de inveja ,
E chora Dirceo de gosto.

Ah , pinta , pinta

A minha bella !

E em nada a cópia

Se affaste della.

L Y R A XXXVII.

Convidou-me a vêr seu Templo
O cégo Cupido hum dia,
Encheo-se de gosto o peito,
Fiz deste Deos hum conceito,
Como delle não fazia.

Aqui vejo descórados
Os ternissimos amantes,
Entre as cadêas gemerem;
Vejo nas piras arderem
As entranhas palpitantes.

A quem ama, quanto avistas,
(Diz Cupido) não atterra;
Quem quer cingir o loureiro,
Tambem vai soffrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.

Com tudo que te dilates

Neste sitio não convenho;
Deixa a estancia lastimosa,
Vem vêr a sala formosa
Aonde o meu solio tenho.

Entreí n'outro grande Templo,
Que perspectiva tão grata!
Tudo quanto nelle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebata.

He de marmore, e de jaspe
O soberbo frontespicio,
He todo por dentro de ouro,
E a hum tão rico thesouro
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão
De sedas de finas côres,
Em lugar dos cortinados,
Estão prezos, e enlaçados
Festões de mimosas flores.

Em torno da sala augusta

Ardem dourados brazeiros ,
Queimão resinas que estalão ,
E postas em fumo exhalão
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do throno os seus genios
Alegres hymnos entoão ;
Danção as graças formosas ,
E aqui as horas gostosas
Em vez de correrem vôão.

Estão sobre o pavimento ,
Igualmente reclinados ,
Nos collos dos seus amores
Os grandes reis, e os pastores ,
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro ,
Me diz o moço risonho :
Como ainda não reparas
Em tantas ceusas tão raras ,
De que este Templo componho ?

Sabes a historia de Jove ?

Aqui tens o manso Touro ,
Tens o Cisne decantado ,
A velha em que foi mudado
Com a grossa chuva de ouro.

Applica Dirceo agora
Os olhos para esta parte ,
Aqui tens a Lyra d'ouro
Que inda estima o Pastor louro ,
E a rêde que enlaça a Marte.

Vês este arco destramente
De branco marfim ornado ?
A' casta Deosa servia ,
E o perdeo quando dormia
Do gentil Pastor ao lado.

Vês esta lyra ? com ella
Tira Orfeo ao bem querido
Dos Infernos onde estava :
Vês este farol ? guiava
Ao meu nadador de Abido.

Vês estas duas espadas

Ainda de sangue chôas?
A Tisbe, e a Dido matarão;
E os fortes pulsos ornarão
De Pyramo, e mais de Eneas.

Sabes quem vai no Navio,
Que nesse mar se levanta?
He Theseo. Vês esse pomo?
He de Cydippe, assim como
São aquelles de Atalanta.

Vê agora estés retratos,
Que destros pinceis fizeram,
Ah! que pinturas divinas!
Todas são das heroínas,
Que mais victorias me derão.

Repara nesse semblante,
He o semblante de Helena;
Lá se avista a grega armada,
E aqui de Troya abrazada
Se mostra a funesta scena.

Vês est'outra formosura?

He a bella Deidamia;
Lá tens Achilles ao lado,
De hum saia disfarçado,
Como com ella vivia.

Cleopatra he quem se segue;
Alli tens lançando a linba
Marco Antonio socegado,
Ao tempo em que Augusto irado
Com armada Não caminha.

Aqui Hermia se figura;
Vê hum Sábio dos maiores,
Qual infame delinquente,
Ir desterrado, sómente
Por cantar os seus amores.

Este he de Omphale o retrato;
Aqui tens (quem o diria!)
Ao grande Hercules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obsequio fia.

Anda agora a est'outra parte,

Conheces, Dirceo, aquella?
Onde vas, lhe digo, explica,
Que belleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso della?

Ergo o rosto, ponho a vista
Na imagem não explicada,
Oh! quanto he digna de apreço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto sahia,
E no meu peito saltava;
Disfarçando amor olhava
Para mim a furto . e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega, e me abala;
Desperto de tanto assombro;
Elle bate no meu hombro,
E assim affavel me falla:

Sim, caro Dirceo, he esta

A divi a formosura,
Que te destina Cupido,
Aqui tens o laço urdido,
Da tua immortal ventura.

Hum Numen, Dirceo, hum Numen,
Que os trabalhos de hum humano,
Desta sorte felicita,
Não he como se acredita,
Não he hum Numen tyranno.

Olha se a céga Fortuna,
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares, ou na terra,
Em seus thescuros encerra
Outro bem de mais valia?

Lizas faces côr de rosa,
Branços dentes, olhos bellos,
Lindos beiços encarnados,
Pescço e peitos nevados,
Negros e finos cabellos:

Não valem mais que cingires,

Com braço de sangue immundo,
Na cabeça o verde louro?
Do que teres montes de ouro?
Do que dares Leis ao mundo?

Ah! ensina, sim, ensina
Ao vil mortal atrevido,
E ao peito que adora terno,
Que tem, para hum o Inferno,
Para outro hum Ceo, Cupido.

Ao resto Amor me convida;
Eu chorando a mão lhe beijo,
E lhe digo: Amor, perdoa
Não seguir-te; pois não vò
A vêr mais o meu desejo.

FIM DA PARTE I.

MARILIA

DE

DIRCEO.

P A R T E II.

1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000

1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000

1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000

1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000

RPJCB

1000 1000 1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000

MARILIA DE DIRCEO.

LYRA I.

A' não cinjo de loiro a minha testa,
em sonoras Canções o Deos me inspira:

Ah! que nem me resta.

Huma já quebrada,

Mal sonora Lyra!

as neste mesmo estado, em que me vejo;
ede, Marilia, Amor que vá cantar-te;

Cumpro o seu desejo;

E ao que resta supra

A paixão, e a arte.

fumaça, Marilia, da candêa,
ue a molhada parêde ou cuja, ou pinta;

Bem que tosca, e fêa,

F iii

Agora me póde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta :
Elle me diz , que faça no pé de huma
Má la anja ponta ,
E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo ;
Veras , Marilia , huma idéa nova :
Sim , eu já te escrevo ,
Do que esta alma dicta
Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar , que assombro faça
Mostra mais ternura
Quem te estima , e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo eston teus olhos bellos ,
A testa formosa ,

Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentes
Dessa boca linda,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo
Responderei: *No peito*; que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu Retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só póde apagarlo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Ceos, que vejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro:
Ah! dá-lhes hum beijo,

E diz-me que valem
Mais que letras de oiro.

LYRA II.

MOrri, ó minha Bella;
Não foi a Parca ímpia,
Que na tremenda róca,
Sem ter descanso, fia:
Não foi, digo, não foi a morte fêa,
Quem o ferro moveo, e abriu no peito
A palpitante vêa.

Eu, Marília, respiro;
Mas o mal, que supporto,
He tão tyranno, e forte,
Que já me dou por morto:
A insolente calúmnia depravada
E gueo-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo

Cadafalso enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo neste mundo, ó sorte ímpia!
Delle só me mostra a estreita frêsta
— O quando he noite, ou dia.

Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
Cabello desgrenhado;
h, que imagem tão digna de piedade!
Mas he, minha Marilia, como vive
Hum Réo de Magestade.

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo:
Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo?
tormento, minha alma, não recuses;
quem sábio cumprio as leis sagradas
Servem de solio as cruces.

Tu, Marilia, se ouvires,

F v

Que ante o teu roxo afflicto
O meu nome se ultraja
C'ò supposto delicto,
Dize severa assim em meu abono:
Não tôma as armas cont' a hum sceptro just
Alma d.gia de hum th onô.

LYRA III.

E Sprema a vil calúmnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios; no meu rosto
Não has de vêr, Marília, o medo escrito,
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
As Fúrias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas

Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
A quem seu nome derão, a Narciso;
Fez de muitos os Astros,
Qu'inda no Ceo divisó.

Elle pôde livrar-me das injúrias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem,
Verás então, que os sábios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Hum coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

LYRA IV.

Succede, Marília bella,
A' medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
A' quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotão em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prizão.
Muda-se a sorte dos brutos;

Só a minha sorte não ?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto ;
Depois das penas vem gosto ,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens ;
Só a minha sorte não ?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra ;
No mais tempo o Ceo , e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda se a sorte dos Deoses ;
Só a minha sorte não ?

Ha de , Marília , mudar-se
Do destino a inclemencia :
Tenho por mim a innocencia ,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo ;
Só a minha sorte não ?

O tempo , ó bella , que gasta

Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A' verdade a vil traição.

Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

LYRA V.

JA', já me vai, Marília, branquejando
Loiro cabelo, que encula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,

Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão,
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pezão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me v'res desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marília, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burrir se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmo Verão as plantas seccão;
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;

Mas logo que a doença faz seu termo ;
Torna , Marilia , a ser quem era d'antes ,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente , ou qual a planta ,
No meio da desgraça , que me altera :
Eu tambem te supponho qual saude ,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos , vivos olhos
Aos mesmos Astros luz , e vida ás flores ,
Que effeitos não farão , em quem por elles
Sempre morrêo de amores ?

LYRA VI.

— **O**s mares , minha bella , não se movem ,
O brando Norte assopra , nem divi-o
Huma nuvem sequer na Esfera toda ;
O destro Nauta a qui não he preciso ;
Eu só conduzo a não , eu só modêro
Do seu governo a roda.

Mas ah ! que o Sul carrega, o mar se empólla,
 Rasga-se a vé'a, e mastaréo se parte !
 Qualquer varão prudente aqui já teme ;
 Não tenho a necessaria força, e arte.
 Corra o sabio Piloto, corra, e venha
 Reger o duro leme.

Como succede á não no mar, succede
 Aos homens na ventura, e na desgraça :
 Basta ao feliz não ter total demencia ;
 Mas quem de venturoso a triste passa,
 Deve entregar o leme do discurso
 Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem ;
 E esta alma, em tanta pena consternada,
 Nem sabe aonde possa achar confôrto.
 Ah ! não, não tardes, vem, Marilia amada,
 Toma o leme da não, marêa o panno,
 Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes :
 Elle me diz que soffia, senão morro ;
 E perco então, se morro, huns doces laços.

Não quero já, Marília, mais soccorro;
Oh ditoso soffrer, que lucrar pôde
A gloria dos teus braços!

L Y R A VII.

Vou-me, ó bella, deitar na dura cama
De que nem sequer sou o pobre dono;
Estende sobre mim Morfêo as azas,
E vem ligeiro o sono.

Os sonhos, que rodêão a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa;
Não pintão cadafalsos, não, não pintão
Nenhuma imagem fêa.

Pintão que estou bordando hum teu vestido
Que hum menino com azas, cêgo, e loiro
Me enfia nas agulhas o delgado,
O branco fio de oiro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja;

Pintão que as mãos nos damos; e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa,
A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz doirada sege
A' nossa habitação; que mil amores
Desfolhão sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flores.

Pintão que desta terra nos partimos;
Que os amigos saudosos, e suspensos
Apertão nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flor da minha idade:
Q' descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a gram Cidade.

Pintão leve escaler, e que na prancha
O braço já te off'reço reverente;
Que te aponta c'ô dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aqui, *álerta*, grita o mão soldado;
E o outro, *álerta estou*, lhe diz, gritando
Acórdo com a bulha, então conheço,
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,
A ver-me delinquente, réo de morte,
Não sonhára, Marília, só contigo,
Sonhára de outra sorte.

LYRA VIII.

DE que te queixas,
Lingua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira
O que te deu?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marília,

A ímpia sorte
 Catões á morte;
 Nem sepultura
 Lhes conceder.

Este foi sempre
 O genio seu.

A outros muitos,
 Que vís nascêrão,
 Nem merecêrão,
 A grandes thronos
 A ímpia ergueo.

Este foi sempre
 O genio seu.

Espalha a céga
 Sobre os humanos
 Os bens, e os damnos,
 E a quem se devão
 Nunca escolheo.

Este foi sempre
 O genio seu.

A quanto he justo

Já mais se dobra ;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
No claro Ceo.

Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano ;
E cahe Vulcano
Da pura esfêra ,
Em que nasceo.

Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba ,
Bem que se mude ,
Honra , e virtude ;
Que o mais he della ,
Mas isto he meu.

Este foi sempre
O genio seu.

LYRA IX.

MEu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
candida Virtude no meu peito;
e julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro;
Ah! vem dar-mo agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso feroso,
Venhas com dura lança
o monstro infame, traspassar raivoso;
eixa que viva a pérfida calúnia,
E forge o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,

E toca hum pouco nella:
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bella;
Enche todo o contorno de a'egria;
Não soffras, que o desgosto
Affogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que hum bom cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos, e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma
A sabia Antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado, e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo Averno.
Ah, tu a nenhum cedes; meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto;
Pódes fazer prodigios;

Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes;

Que mais, que mais esperas?

Consola hum peito afflito;

Que he menos inda, que domar as feras.

Com isto me darás no meu tormento

Hum doce lenitivo;

Que em quanto a bella vive,

Tambem, Glauceste, vivo.

LYRA X.

E U vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna;

Pega-me pelo braço,

E com voz importuna

Me diz que mova o passo;

Que entre no grãde Téplo, em que se encerra

Quanto o destino manda,

Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.

Lá floresce o poder do Assyrio Povo;
Aqui os Medos crescem,
E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa: *E que pretendes?*
Todas estas medalhas vêr agora?

Ah! não, não sejas louco!

Espaço dê annos fôra

Para isso ainda pouco:

Deixa estranhos successos, ven comigo;

Verás quanto inda deve

Acontecer contigo.

Levou-me aonde estava a minha historia,
Que toda me explicou com medo, e arte.

Tirei-te libras de oiro,

Me diz, e quero dar-te

Todo aquelle thesoiro.

Não suspira por bens hum peito nobre;

Sevéro lhe respondo :

Vivo affeito a ser pobre.

Aqui me enruga a Deosa irada a testa ,

E fica sem fallar hum breve espaço.

Alegra , alegre o resto ,

Prosegue , alli te faço

Restituir o pesto.

Respondo em ar de mófa , e tom sereno ;

Conheço-te , Fortuna ,

Posso morrer pequeno.

Aqui te dou , me diz , a tua amada :

Então me banho todo de alegria.

Cuidci , me torna a cega ,

Que essa alma não quæria

Nem esta mesma entrega.

Le esse o bem , respondo , que me move ;

Mas este bem he santo ,

Vem só da mão de Jove.

Queria mais fallar ; eu insoffrido

Esta maneira rompo os seus accentos ;

Basta , Fortuna , basta ;

*Estes breves momentos
Lá n'outras cousas gasta ;
Da minha sorte nada mais contemplo,
E, chamando Marilia ,
Suspiro, e deixo o Templo.*

LYRA XI.

A Estas horas
Eu procurava
Os meus Amores ;
Tinhão-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria ,
Inda esfregando
Os olhos bellos ,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabellos .

Ah ! que assim mesmo ,

Sem compostura,
He mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Hum ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cêrco apenas
Soltava o gado;
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha;
G iii

Então, brincando
A mim-a unia;
Mih-cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com ella
He que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos castos peitos,
De dia, em dia
A nossa chama
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte

Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sêsta,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gôsto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

*Não ha Pastora ,
Que chegar possa
A' minha bella;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella:*

Se amor concede

*Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leite:*

*Ornãõ seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namorãõ;
No seu semblante
As Graças morãõ.*

*Assim vivia;
Hoje em suspiros
O canto mudo;
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.*

L Y R A XII.

SE acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,

As afflicções tyrannas, que aos Precitos
 Arbítra Rhadamantho em justa pena
 Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes,
 Com a mão descarnada não me applicão
 As raivosas serpentes. (dos:
 Mas cercão-me outros monstros mais ira-
 Mordem-me sem cessar as bravas serpes
 De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda
 Em lançar o penedo da montanha;
 Ou em mover a roda:
 Mas tenho ainda mais cruel tormento:
 Por cousas que affigem, roda, e gyra,
 Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
 A's tépidas entranhas não me come
 Hum abutre esfaimado;
 Mas sinto de outro monstro a crueldade:
 Devora o coração, que mal palpita,
 O abutre da saudade.

Não vejo os pompos, nem as aguas vejo,
 Que de mim se retirão, quando busco
 Fartar o meu desejo:
 Mas quer, Marília, o meu destino ingrato
 Que lograr te não possa, estando vendo
 Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marília bel'a;
 E n'hum cousa só he mais humana
 A minha dura estrella:
 Huns não pôdem mover do Inferno os passos;
 Eu pertendo vôar, e vôar cedo:
 A' gloria dos teus braços.

LYRA XIII.

ARde o velho barril, arde a cabeça,
 Em honra de João na larga rua;
 O crédulo Mortal agora indaga,
 Qual seja a sorte sua?
 Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,

E nella orvalhe o Ceo de madrugada,
Para ver se rébentão novas folhas,
Aonde foi queimada:

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum cópo d'agua, e possa nella
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Não á véla.

(vido

Mas, ah! em bem me lembre; eu tenho ou-
Que na bôca hum bochecho d'agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser; se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar; e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena;
Despejo logo a bôca; ah! não sei como
Não morro alli de pena!

G vi

Apparece Cupido; então soltando
Era ar de zombaria humra risada:
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marília he tua;
Tu fazes do meu dito tanta conta
Que vais acreditar, o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: *Quem debaixo*
Do açoite da Fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agoirão males, teme.

L Y R A XIV.

AH, Marília, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não pôdem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldêa,

Que tyrannos não proponhão
A' inda inquieta idéa
Huma imagem de afflicção.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando lewares, Marília,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: *Aqui trazia*
Dirceo tambem o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marília, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem queres, descuidada,
Tu verás, Marília, a minha,
A minha pobre morada.
Tu dirás então contigo:
Alli Dirceo esperava
Para me levar consigo;

E alli soffreo a prisão.

Mandarás aos surdos Deotes

Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do cáro Glauceste a choça,
Onde alegres se ajuntavão
Os poucos da escolha nossa,
Pendo os olhos na varanda,
Tu dirás de mágoa chêa:
Todo o congresso alli anda ;
Só o meu amado não.

Mandarás aos surdos Deoses

Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: *Não fui tyranna*
Sómente comigo a sorte ;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deoses

Novos suspiros em vão.

N'huma masmorra mettido,
 Eu não vejo imagens destas,
 Imagens, que são por certo
 A quem adora funestas.
 Mas se existem separadas
 Dos inchados, rôxos olhos,
 Estão, que he mais, retratadas
 No fundo do coração.

Tambem mando os surdos Deoses
 Tristes suspiros em vão.

LYRA XV.

VEs, Marilia, hum cordeiro
 De flores enramado,
 Como alegre caminha
 A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:
 A Pyra sacro-santa já se accende:
 O Ministro o fere; elle bala, e morre:

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço,
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover hum passo.
Não conhece que sahe de hum máo terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte:
Hum vai forçado á vida;
Vai outro alegre á morte:
Nós temos, minha bella, igual demencia;
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizerão:
De conselho mudárão:
Como escravo o vendêrão;
José não corre a ser hum servo afflicto:
Vai subindo os degráos, por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
 Hoje, ó bella, me prende,
 Só porque nisto de outros
 Mais damnos me defende?
 Póde ainda raiar hum claro dia.
 Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;
 E beijo a santa mão, que assim me guia.

LYRA XVI.

A Alma digna de mil Avôs Augustos!
 Tu sentes, tu soluças,
 Ao vêr cahir os justos;
 Honras as santas leis da Humanidade:
 E os teus exemplos deve
 Gravar com letras de oiro no seu Templo
 A candida amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
 Que vê com rosto enxuto
 No seu igual a morte:
 Não he tambem de Heróe hum peito duro,

Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chêfe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
He grande para mim, quem move os passos
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa idade.

(vira

Ah! se ao meu contrario entre as chamma
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára:

E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste;
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade, quaddo
Se dão iguaes idéas!

Se a pezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o cáro amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo, és tu, Marília bella.
Ah! sim, honrado Amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Prantêa então com ella.

LYRA XVII.

SE lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Huns tristes gemidos,
Repara, Marília,
Verás, que são meus.
Ah! da-lhes abrigo,
Marília, nos peitos;
Aqui os conserva
Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvillos movido,
Os pede a Cupido,
Que a todos apanha,
E lá tos vai pôr.
Ah! não os desprezes;
Porque se conspira

O Ceo em meu damno,
E a gloria me tira
De honrado Pastor.

Tem estes suspiros
Motivo dobrado;
Perdi o meu gado;
Perdi, que mais vale,
O bem de te vêr.

Se os não receberes.
Amante por ora,
Por serem de hum triste,
Os debes, Pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha bella,
Virá huma idade,
Que, vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.

Os crimes deshonorão,
Se são existentes;
Os ferros, q' opprimem
As mãos innocentes,

Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos;
Então mandaremos
De gôsto, e ternura
Suspiros aos Ceos.

Pôr-me-hão no sepulchro
A honrosa inscripção:
Se teve delicto,
Só foi a paixão,
Que a todos faz réos.

L Y R A XVIII.

EU, Marília, não fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choçá do preciso chêa.
Tirão-me o casal, e o manso gado;
Nem tenho, a que me encoste, hum só ca-
(jado.

era ter, que te dar, he que eu queria
 e mór rebanho ainda ser o dono;
 rezava o teu semblante, os teus cabellos
 ainda muito mais que hum grande Throno.
 agora que te offerte já não vejo
 além de hum puro amor, de hum são desejo:

e o rio levantado me causava,
 levando a sementeira, prejuizo,
 e alegre ficava, apenas via
 a tua breve bôca hum ar de riso.
 tudo agora perdi; nem tenho o gôsto
 e ver-te ao menos compassivo o rosto.

propunha-me dormir no teu regaço
 e queites horas da comprida sésta,
 escrever teus louvores nos olmeiros,
 buscar-te de papoilas na floresta.
 algou o justo Ceo, que não convinha,
 que a tanto gráo subisse a gloria minha.

ah, mi^{ha} bella, se a Fortuna volta,
 o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
 por essas brancas mãos, por essas faces

Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra
Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar, sobeja
Que as affage Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas,
E os pannos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas, e com cêstos os peixinhos;
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o verão sábio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
 C'os filhos, se os tivermos, á fogueira,
 Entre as falsas historias, que contares,
 Tuas contarás a minha verdadeira:
 Esmados te ouvirão; eu entre tanto
 Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
 Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores,
 Dizendo huns para os outros: *Olha os nossos*
Exemplos da desgraça, e sãoos amores.
 Contentes viviremos desta sorte,
 Até que chegue a hum dos dois a morte.

LYRA XIX.

VEjo, Marília,
 Que o nédeo gado
 Anda disperso
 No monte, e prado,
 Que assim succede

H

Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço,
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta

Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
A' minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldêa
De mil cuidados
E mágoa chêia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por hum traidor.
Eu já não soffro

A viva dôr.

Mas este excesso

Perdão merece,

E delle Jove

Se compadece:

Que Jove, ó bella,

Mui bem conhece,

Aonde chega

Paixão de amor.

Eu já não soffro

A viva dôr.

LYRA XX.

DIrceo te deixa, ó bella,

De padecer cansado:

Frio suor já banha

Seu rosto descorado:

O sangue já não gyra pela vêa;

Seus pulsos já não batem,

E a clara luz dos olhos se bacêa:

A lagrima sentida já lhe corre ;
já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro :
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Os severos Juizes se apresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa :
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a bôca,
E a pedra não despede ;
Outro já não se lembra
Da fome, e mais da sede :
Escança o curvo bico, e a garra impia
Negro abutre esfaimado :
Em na róca medonha a Parca fia.
Té as mesmas Fúrias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes :

H iii

E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que ficão
Almas dignas de pena.

Já sahe do escuro Reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou pôde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria
Só, bem que o gôsto as turvas agoastome
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre as rosas:
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as agoas puras,
Que o mel, é do que o leite mais suave
Aqui, diz elle, espero a minha bella;
Aqui contente viverei com ella.

*Aqui . . . porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gozar teus doces laços;*

E em paga dos meus males
 Devo morrer, Marília, nos teus braços.
 Então eu passarei ao Reino amigo,
 E tu irás despois lá ter comigo.

L Y R A XXI.

Não móltro, Marília,
 De pranto a masmorra;
 Que o terno Cupido
 Não võe, e não corra,
 A illo apanhar.
 Estende-o nas azas,
 Sobre elle suspira,
 Por fim se retira,
 E vai-to levar.

Se o moço não mente,
 Aos tristes gemidos,
 Aos ais lastimosos
 Não guardes unidos,

H iv

Marília, c'os teus :
As lagrimas nossas
No seio amontôa ,
Fôrma azas, e voa ,
Vai pôllas nos Ceos.

A Deosa formosa ,
Que amava aos Troianos ,
Liviallos querendo
De riscos, e damnos ,
A Jove buscou.
As agoas, que o rosto
Da Deosa banhárão.
A Jove abrandárão ,
A assim os salvou.

Confia-te, ó bella ,
Confia-te em Jove ,
Ainda se abranda ,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus ,
Que obrou no Pai tanto ,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

LYRA XXII.

Nesta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata;
Busca extremo, que eu assim resista
A' dor immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos;
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;
A violencia da mágoa não supporto;
Foge-me a vista, e caio,
H v

Não sei se vivo , ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto ;
Reclina-me no peito , e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto ,
Movo os membros , suspiro ,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem consigo ;
Ergo a cabeça , que inda mal sustento ,
E com doente voz assim lhe digo.

*Se queres ser piedoso ,
Procura o sitio , em que Marília móra ,
Pinta-lhe o meu estrago ,
E vê , Amor , se chora.
Se lagrimas verter a dor a arrasta ,
Huma dellas me traze sobre as pennas ,
E para allivio meu só isto basta.*

LYRA XXIII.

SE me viras com teus olhos
Nesta masmorra mettido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

A' força da dôr cedêra
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e compassivo
Com o nome de Maria
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alvã;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctúa
Pelas costas desgrehado.
Não tenho valor, não tenho,

H vi

Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marília*
Não estima este cabelo?
Se o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vêllo?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabelo atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio;
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio;
De todo o comer esfria,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que a matar-te,
Diz amor, te tens proposto;
Fazes bem: terá Marília
Desgosto sobre desgoste.
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas, Marília,

Em que o Sol já se tem posto ;
 Vem-me á memoria que nellas
 Via á janella o teu rosto :
 Reclino na mão a face ,
 E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : *Já basta ,*
Já basta , Dirceo , de pranto ;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teu doce canto.
 Pendem as fontes dos olhos ,
 Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
 A velha , cuja candêa ;
 Fica , Marilia , a masmorra
 Inda mais triste , e mais fêa.
 Nem mais canto , nem mais posso
 Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : *São horas*
De escrever-se o que está feito ;
 Do azeite , e da fumaça
 Huma nova tinta ageito ;

Tomo o páo, que penna finge,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve somno,
Canta o Gallo a vez terceira;
Eu digo a Amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho;
Não respondo huma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu, que vivo á sombra della,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

LYRA XXIV.

Que diversas que são , Marilia , as horas ,
Que passo na masmorra immunda , e fêa ,
Dessas horas felices , já passadas
Na tua patria Aldêa !

Então eu me ajuntava com Glauceste ;
E á sombra de alto Cédro na Campina
Eu versoste compunha , e elle os compunha
A' sua chara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva ;
De exceder hum ao outro qualquer trata ,
O écco agora diz : *Marilia terna* ;
E logo : *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Sátyros as grutas ;
Hum para nós ligeiro move os passos :
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo, clama hum Pastor *ah! bem merece*
Da candida Marília a formosura.

E aonde, clama o outro, *quer Eulina*
Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava,
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lias, os guardavas
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marília, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXV.

POr morto, Marília,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já Torres se assenta ;
Carrega-me o rosto ;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a razão.
Mas, ah ! que não treme ,
Não treme de susto
O meu coração !

Eu vejo , Marília ,
A mil innocentes ,
Nas cruzes pendentes
Por falsos delictos ,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah ! que não treme ,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te ,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos ,
E beijos na mão.
Marília, já treme ,

Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marília,
O quanto he mais forte,
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado
De amor a paixão.
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração,

LYRA XXVI.

Não praguejes, Marília, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros;
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se derão, e em seu peito morão.
Manda prender ao Réo austera a bôca;

Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia ,
Que culpa aquelle tem , que applica a penna ?
Não he o Julgador , he o processo ,
E a lei , quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação , nem prova de outro humano ;
Aqui todos confessão suas culpas ,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes :
Huma o fogo chega , outra as serpes move ;
Todos maldizem sim a sua estrella ,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,
Bem que a prizão me dá , que eu não mereço.
Qual eu sou , minha bella , não me trata ,
Trata-me , qual pareço.

Quem suspira , Marília , quando pune
Ao vassallo , que julga delinquente ,

Que gosto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:
Não honras tamsómente a quem premeias,
Honras a quem castigas.

LYRA XXVII.

EU vou, Marília, vou brigar co' as feras?
Huma soltárão, eu lhe sinto os passos,
Aqui, aqui a espero
Nestes despídos braços.

He hum malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estallão-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora; que o pulso
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraqueza, os olhos inchão,
Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expõem a minha vida
No cêrco dos Romanos?

Com ursos, e com onças eu não luto.
Luto c'o bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calúnnia a cortadora espada;
Huma alma, qual eu tenho,
Não se recêa a nada.

Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro cóllo, abrir-lhe o peito
C' as armas invenciveis da innocencia.

Ah! quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,
Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi: *Infame, indino,*
Obras como costuma o vil humano;
Faço, o que faz hum coração divino.

LYRA XXVIII.

MInha Marilia,
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitêla,

Tambem nos mostra
Que se desvéla;
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voráz Tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome,
Tambem, Marília,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.

Ah! só não póde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
 Não ha quem viva
 Instantes breves
 Na chamma activa;
 Derrete ao bronze,
 Sendo excessiva,
 Ao mesmo seixo
 Faz estalar.

Mas do amianto
 A fêbra dura
 Na chamma atura
 Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
 Não ha quem negue,
 Que bem que o fogo
 Nos oleos pegue,
 Que bem que em linguas
 A's nuvens chegue,
 A' força d'agua
 Se ha de apagar.

Se a negra pedra
 Nós accendemos,
 Com agua a vemos

Mais s' inflammam.

O meu discurso,
Marilia, he recto:
A pena iguala
Ao meu affecto.
O amor, que nutro,
Ao teu aspecto,
E ao teu semblante,
He singular.

Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Póde acabar.

L Y R A XXIX.

A Quelle, a quem fez cégo a natureza,
C'ô bordão palpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dous remedios junta.

De ser cega a Fortuna eu não me queixo,
 Sim me queixo de que má cega seja:
 Cega, que nem pergunta, nem apalpa,
 He porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos
 Ella, Marília, faz de hum sceptro dono:
 Cria n'um pobre berço huma alma digna,
 De se sentar n'um Trono.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
 Entrega as grossas chaves de hum thesoiro:
 E lança na miseria a quem conhece,
 Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
 Que atrás do vicio em liberdade corra;
 Eu honro as leis do Imperio, ella me op-
 N'esta vil masmorra. (prime

Mas ah! minha Marília, que esta queixa;
 Co' a solida razão se não coaduna;
 Como me queixo da Fortuna tanto,
 Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa,
Que os Sábios fingem, que hum roda move,
He só a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jovê.

Nós he que somos cegos, que não vemos,
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
He muito mais honroso.

L Y R A XXX.

A Minha amada
He mais formosa
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,

Que o cinnámomo ,
Quando matiza
Co' a folha a flôr.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa ,
Quando na sêsta
C'o vento ondêa ,
Ao seu cabello ,
Quando fluctúa ,
Não he igual.
Tem a côr negra;
Mas quanto val:

Os astros , que andão
Na esfera pura ,
Quando scintillão
Na noite escura ,
Nãe são , hùmanos ,
Tão lindos , como
Seus olhos são ,
Que ao Sol exceedem

Na luz, que dão.

A's brancas faces,
Ah! não se atreve
Jasmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O Sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causão
No peito ardor.

Na breve bôca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beijos
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe dêsse,
Compadecido,

Tanto socorro
O Deos Cupido;
Se não vivê a
Huma esperança
No peito seu;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto póde
Teu bello rosto;
E de gozallo
O vive gôsto!
Que, submergido
Em hum tormento
Quasi infernal;
Porqu' inda espero,
Resisto ao mal.

LYRA XXXI.

Detem-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.

O çumo, que ellas dão, he pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo;
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traz o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta;
Bem que huma onda, e outra onda

Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, afferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rocha, ó bella,
Que açoitá o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella:
Não temas que do rosto a côr se mude:
Vence as rochas, e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura:
O cobarde a morrer também caminha:
Com que males não póde
Huma alma como a minha?

L Y R A XXXII.

EU descubro procurar-me
Gentil mancebo, e loiro;
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega a lyra d'oiro.

*Já basta, me diz, ó filho,
Já basta de sentimento;
O cansado peito exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento.*

Firo as cordas; mas que importa?
A dôr não soeega em tanto;
Ergo a voz; então reparo
Que, quanto mais corre o pranto,
He mais doce, e mais sonôro

Meu terno , e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão , que regia o braço ;
E depois de estar suspenso ,
De me ouvir hum largo espaço ,
Assim diz ; o Deos Cupido
Faz inda mais , do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra ;
Louva , louva a tua bella ;
Porém vê que t'a concedo
Com condição , e cautela . . .
Eu lhe côrto a voz , dizendo ,
Que só canto em honra della.

LYRA XXXIII.

O Pai das Musas ,
O Pastor loiro
Deo-me , Marília ,

I vi

Para cantar-te
A lyra de oiro.

As cordas firo ;
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

*O teu cabelo
Vale hum thesoiro ;
Hum só me adorna
A sábia frente
Melhor, que o loiro.*

*Nesses teus olhos
Amor assiste ;
Delles faz guerra ;
Ninguem lhe foge ,
Ninguem resiste.*

*Algumas vezes
Eu o diviso
Tambem occulto*

*Nas lindas côvas,
Que faz teu riso.*

*Nesses teus peitos
Tem os seusinhos
Destros Amores,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.*

*Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma;
Porque mais prenda
Ao fero Marte.*

*Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vís cadêas.*

*Dou hum suspiro,
Corre o meu pranto;
E, inda bebendo*

Lgrimas tristes ,
De novo canto.

*Sou da constancia
Hum vivo exemplo :
E vós , ó ferros ,
Honrareis inda
De Amor o Templo.*

L Y R A XXXIV.

Roubou-me , ó minha Amada , a sorte
Quanto de meu gozava (impia ,
N'um só funesto dia.

Honras de maior , manada grossa ,
Fertil , extensa herdade ,
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura ;
Que he sepulchro sem honras ,
Breve masmorra , escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,
Venha outro desgraçado
Sentir também comigo:

Mas se esta companhia não mereço,
Os Deoses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas he contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subíra ao Potro:
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas:

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
Huma por huma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a mólha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado
A tudo, quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,
Os que te amão, sómente
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa cega;
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felices nega.

LYRA XXXV.

Não has de ter horror, minha Marília;
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores mos lançarão,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi huma vez, não foi só huma;
Que em defeza dos bens, que são do Estado,
Moveo a sábia pluma.

He certo, minha amada, sim he certo
Q'eu aspirava a ser de hum Sceptro o dono;
Mas este grande imperio, que eu firmava
Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunhão, não batião

Da grossa peça, e do mosquete os tiros;
Só erão minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos, e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros;
Não tinha no meu campo estranhas tropas;
Que amor não quer parceiros.

Mas pôde ainda vir hum claro dia,
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prizões de allivio cheas
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou Monarcha;*
Dou leis, que he mais, n'um coração divino;
Solio que ergueo o gôsto, e não a força,
He que he de apreço dino.

LYRA XXXVI.

MEu sonoro Passarinho,
e sabes do meu tormento,
e buscas dar-me, cantando,
um doce contentamento.

Oh! não cantes, mais não cantes,
e me queres ser propicio;
Eu te dou em que me faças
muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrella;
Óbe á serra, e se cançares,
Descança n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada;
Na Igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue

Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra ,
Passa hum formosa ponte ,
Passa a segunda , a terceira
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Huma rasgada janela ,
He da sala , aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres ,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto , do seu talhe ,
Das suas feições , e modos.

O seu semblante he redondo ,
Sobancelhas arqueadas ,
Negros , e finos cabellos ,
Carnes de neve formadas.

A bôca risonha , e breve ,
Suas faces côr de rosa ,

N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem allivio penando.

LYRA XXXVII.

SE o vasto mar se encapella,
E na rôcha em flôr rebenta,
Grossa náó, que não tem léme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga, e corre
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma belleza,
Em que ponha o seu cuidado;
Se o Ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistão

Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de hum pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos;
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado;
Vejo n'úa grande praça
Hum theatro levantado.
Vejo as cruces, vejo os potros,
Vejo o alfanje affiado.

Hum [frio suor me cobre,

Lassão-se os membros, suspiro;
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Ja, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bôca engraçada.

Qual, Marília, a estrella d'alva,
Que a negra noite affugenta;
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aqueça;
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marília, destérro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudência;

E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocência.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto:
Vê, Marília, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

L Y R A XXXVIII.

EU vejo aquella Deosa,
Astrêa pelos Sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vêlla não me causa hum leve aballo;
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:
Qual he o povo, dizê,

Que comigo concorre no attentado?
 Americano Povo!
 O Povo mais fiel, e mais honrado!
 Tira as Praças das mãos do injusto dono;
 Elle mesmo as submette
 De novo á sujeição do Luso Throno.

Eu vejo nas historias
 Rendido Pernambuco aos Hollandezes;
 Eu vejo saqueada
 Esta illustre Cidade dos Francezes;
 Lá se derrama o sangue brasileiro;
 Aqui não basta, supre
 Das roubadas familias o dinheiro...

Em quanto assim fallava,
 Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto;
 Punha-me a vista teza,
 Enrugava o severo, e acceso rosto:
 Não suspendo com tudo no que digo,
 Sem o menor receio,
 Faço que a não entendo, e assim prosigo:

Acabou-se, tyranna,

A honra, o zelo deste luso Povo?
Não he aquelle mesmo,
Que estas acções obrou, he outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas hum homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesoiro,
Que aos outros mover possa
A' força de respeito, á força d'oiro?
Os bens de quantos julgas rebelados
Podem manter na guerra,
Por hum anno se quer, a cem Soldados?

Ama a gente asisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha huma acção destas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito, e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,

quem se convidasse não havia;

Ir-se-hião buscar socios

à Colonia tambem, ou na Bahia?

está voltada a Côrte brasileira

Na terra dos Suissos,

onde as Potencias vão erguer bandeira?

O mesmo author do insulto

tais a riso, do que a terror me move;

Deo-lhe nesta loucura,

odia-se fazer Neptuno, ou Jove.

prudencia he tratallo por demente;

Ou prendello, ou entregallo,

para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deosa,

um extenso suspiro aos ares sólta;

Repete outro suspiro,

sem palavra dar as costas volta:

tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?

Ainda nada ouviste

o que respeita a mim, socega, attende.

E tinha que offertar-me

Hum pequeno abatido , e novo Estado ,
Com as armas de fóra ,
Com as suas proprias armas consternado !
Achas tambem , que sou tão pouco esperto ,
Que hum bem tão contingente
Me obrigasse a perder hum bem já certo ?

Não sou aquelle mesmo ,
Que a extinção do debito pedia ?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria ?
Hum direito arriscado eu busco , e feio ,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto , e todo o meio ?

Não sabes quanto aprêso
Os vagarosos dias da partida ?
Que a fortuna risonha ,
A mais formosos campos me convida ?
Não me uníra , se os houvesse ; aos vís traído
Daqui nem oiro quero ; (res
Quero levar sómente os meus amores.

Eu , ó céga , não tenho

Hum grosso cabedal dos pais herdado :
 Não o recebi no emprêgo ,
 Nem tenho as instrucções d'um bom Soldado.
 Far-me-hião os rebeldes o primeiro
 No Imperio que se erguia
 A' custa do seu sangue , e seu dinheiro ?

Aqui , aqui de todo
 A Deosa se perturba , e mais se altera ;
 Morde o seu proprio beijo ;
 O sitio deixa , nada mais espera.
 Ah ! vai-te , então lhe digo , vai-te embora ;
 Melhor , minha Marilia ,
 Eu gastasse contigo mais esta hora.

SONETO.

OBrei quanto o discurso me guiava,
Ouvia aos Sabios, quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava,
Mais duro, ou pio do que a lei pedia;
Mas devendo salvar ao justo ria,
E devendo punir ao réo chorava.

Não forão Villa Rica os meus projectos,
Metter em ferreo cofre copia d'oiro,
Que farte aos filhos, e que chegue aos ne-
(tos:

Outras são as fortunas, que me agoiro,
Ganhei saudades, acquiri affectos,
Vou fazer destes bens melhor thesoiro.

INDEX DAS LYRAS.

P A R T E I.

1	E U , Marilia , não sou algum va- queiro ,	pag.	5
2	Pintão , Marilia , os Poetas		8
3	De amar , minha Marilia , a formo- sura		12
4	Marilia , teus olhos		14
5	Oh ! quanto póde em nós a vária Es- trela !		18
6	Acaso são estes		20
7	Vou retratar a Marilia ,		24
8	Eu sou , gentil Marilia , eu sou ca- ptivo ,		26
9	Marilia , de que te queixas ?		29
10	Se existe hum peito ,		31
11	Não toques , minha Musa , não , não toques		35
12	Topei hum dia		39
13	Minha bella Marilia , tudo passa ;		43
14	Oh ! quantos riscos ,		46
15	A minha bella Marilia		51
16	Minha Marilia ,		54
17	Não vês aquelle velho respeitavel		59
18	Eu , Glauceste , não duvido		62

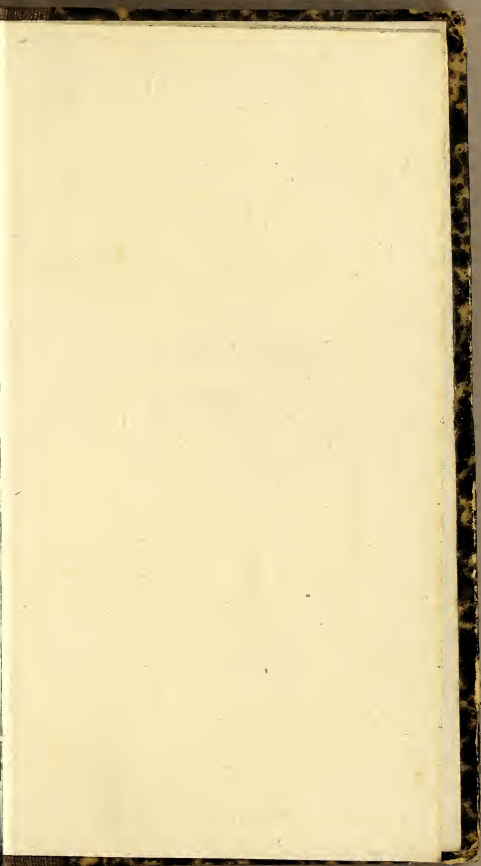
19	Em quanto pasta alegre o manso gado,	63
20	Em huma frondosa	67
21	Não sei, Marilia, que tenho,	69
22	Muito embora, Marilia, muito embora	72
23	N'um sitio ameno	73
24	Encheo, minha Marilia, o grande Jove	76
25	O cego Cupido hum dia	78
26	Tu não verás. Marilia, cem captivos	83
27	O destro Cupido hum dia	85
28	Alexandre, Marilia, qual o rio,	86
29	Tu, formosa Marilia, já fizestes,	89
30	Cupido tirando	92
31	O tyranno Amor risonho	94
32	Junto a huma clara fonte	96
33	Minha Marilia	97
34	N'uma noite socegado	102
35	Em cima dos viventes fatigados	105
36	Pega na lyra sonora,	109
37	Convidou-me a ver seu Templo	114

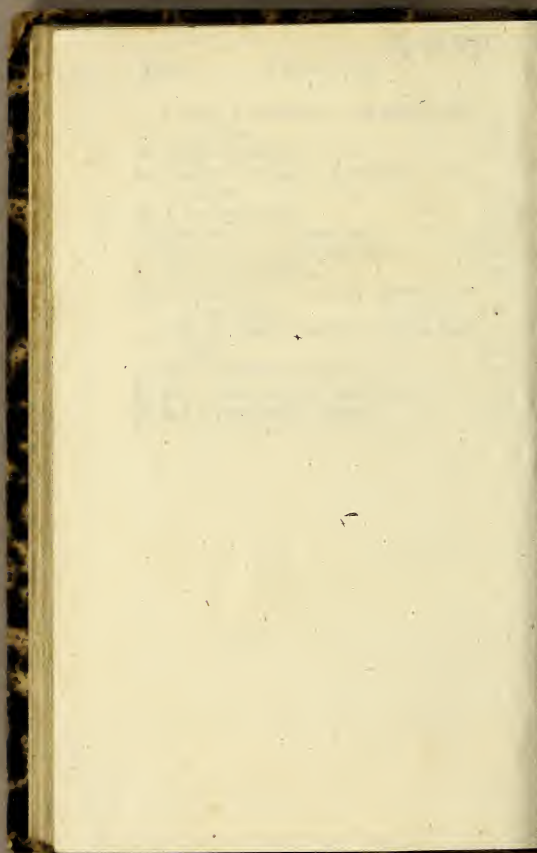
P A R T E II.

1	Já não cinjo de loiro a minha testa,	125
2	Morri, ó minha bella;	128
3	Esprema a vil calumnia muito embora	130
4	Succede, Marilia bella,	132

- 5 Já, já me vai, Marília, branque-
jando 134
- 6 Osmares, minha bella, não se mo-
vem; 136
- 7 Vou-me, ó bella, deitar na dura
cama, 138
- 8 De que te queixas, 140
- 9 Meu prezado Glauceste, 143
- 10 Eu vejo, ó minha bella, aquelle
Numen, 145
- 11 A estas horas 148
- 12 Se acaso não estou no fundo A-
verno, 152
- 13 Arde o velho barril, arde a ca-
beca, 154
- 14 Ah, Marília, que tormento 156
- 15 Vês, Marília, hum cordeiro 159
- 16 Alma digna de mil Avós Augus-
tos! 161
- 17 Se lá te chegarem 164
- 18 Eu, Marília, não fui nenhum va-
queiro; 166
- 19 Vejo, Marília, 169
- 20 Dirceo te deixa, ó bella, 172
- 21 Não mólho, Marília 175
- 22 Nesta triste masmorra, 177
- 23 Se me viras com teus olhos 179
- 24 Que diversas que são, Marília, as
horas, 183
- 25 Por morto, Marília. 185
- 26 Não praguejes, Marília, não pra-
guejes 187

27	Eu vou , Marilia , vou brigar co' as feras :	189
28	Minha Marilia ,	191
29	Aquelle , a quem fez cego a na- tureza ,	194
X 30	A minha amada	196
31	Detem-te , vil humano :	200
32	Eu descubro procurar-me	202
33	O pai das Musas ,	203
34	Roubou-me , ó minha Amada , a sorte impia ,	206
35	Não has de ter horror , minha Ma- rilia ,	209
36	Meu sonoro Passarinho ,	211
37	Se o vasto mar se encapella ,	213
38	Eu vejo aquella Deosa ,	216





C817 .

G642 m

ec-rec-11/23/15

340

